



PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural

ISSN: 1695-7121

info@pasosonline.org

Universidad de La Laguna
España

Cardinale Baptista, Maria Luiza

Sujeito-trama do turismo: Reflexões sobre a subjetividade contemporânea e suas implicações para a pesquisa do turismo

PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, vol. 14, núm. 5, octubre, 2016, pp. 1083-1091

Universidad de La Laguna
El Sauzal (Tenerife), España

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88147717002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Sujeito-trama do turismo: Reflexões sobre a subjetividade contemporânea e suas implicações para a pesquisa do turismo

Maria Luiza Cardinale Baptista*

Universidade de Caxinas do Sul (Brasil)

Resumo: O presente artigo faz a proposição do conceito sujeito-trama, considerando a complexidade da subjetividade contemporânea e suas implicações para o Turismo. Aborda a engrenagem de subjetivação maquínica, nos processos de desterritorializações do turismo, em tempos de internacionalização, globalização e de ressignificação das relações com os destinos turísticos e de produção de vida. Trata-se de abordagem transdisciplinar, envolvendo as áreas do Turismo; da Subjetividade, neste caso, especialmente da Esquizoanálise; e a Epistemologia da Ciência, com autores que remetem à complexidade sistêmica contemporânea. Resulta de realização de pesquisas sobre subjetividade, comunicação e turismo, na Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Universidade Federal do Amazonas (UFAM). O texto traz ainda sinalizadores sobre práticas metodológicas de pesquisas, envolvendo os sujeitos-trama do turismo, em coerência com o cenário de mutação da ciência. A composição de campo subjetivo caosmótico também é apresentada como resultante de agenciamentos midiáticos-socioeconômicos-políticos e culturais.

Palavras-chave: Turismo; Subjetividade; Desterritorialização; Caosmose; Mediatização.

Plot subject of tourism: Thoughts about contemporary subjectivity and its implications for tourism research

Abstract: This paper proposes a plot subject concept that considers the complexity of contemporary subjectivity and its implications for tourism. It addresses the machinic subjectivation gear in the processes of tourism deterritorializations in times of internationalization, globalization, and giving new meanings to the relationships with tourist and life production destinations. It is a transdisciplinary approach involving the fields of tourism; subjectivity, especially schizoanalysis in this case; and the epistemology of science, according to authors that discuss the contemporary systemic complexity. It is the product of research on subjectivity, communications, and tourism at São Paulo University, University of Caxias do Sul, and University of Amazonas. The text also brings indicators about research methodology practices involving the plot subjects of tourism consistent with science's changing scene. The makeup of the chaosmotic subjective field is also presented as a result of media-socioeconomic-political and cultural intermediations.

Keywords: Tourism; Subjectivity; Deterritorialization; Chaosmosis; Mediatization.

1. Introdução

Na perspectiva da mutação da Ciência, em sentido amplo, estão autores como Edgar Morin (1986, 1991, 1993, 1998, 2003, 2013), Humberto Maturana (1998), Fritjof Capra (1990, 1991, 1997), Roberto Crema (1989) e Boaventura Sousa Santos (1988, 1989) entre outros, que direcionam as investigações para a complexidade, para a compreensão das redes de cooperações e amorosidade da teia da vida, bem

* Doutora em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da UCS (BRASIL). Pesquisadora com apoio CNPq. Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS) e integrante do Filocom (ECA/USP); e-mail: malu@pazza.com.br

como os questionamentos aos pressupostos da Ciência Clássica. Além disso, meus estudos se valem de autores clássicos de Teoria da Comunicação e do Turismo, mas é importante destacar que a abordagem apresentada neste texto tem ênfase na Esquizoanálise, perspectiva teórica que possibilita compreender os atravessamentos/agenciamentos inerentes aos processos de subjetivação na sociedade contemporânea, a partir dos engendramentos maquínicos e fluxos incorporais a-significantes. Há, nessa perspectiva, tanto o viés econômico e político, que ajuda a compreender como se desenvolvem e constroem as relações econômicas e de poder, quanto o das Teorias da Significação e da Subjetividade. Dessa abordagem, a referência principal é o autor Felix Guattari (1981, 1987, 1988, 1992, 1995), com suas produções em parceria com Gilles Deleuze (1988) e Suely Ronik (1986). A vinculação à Rede Nacional de Grupos de Pesquisa em Comunicação e ao Grupo de Estudos Filosóficos em Comunicação (Filocom), da ECA/USP, também orienta a discussão para a noção de acontecimento comunicacional e turístico e as novas proposições, em termos de operacionalização da produção investigativa, a partir dos estudos de Ciro Marcondes Filho. (2007, 2010 2013).¹

2. Em busca do sujeito-trama do turismo

Ao longo dos meus estudos, envolvendo as Teorias de Subjetividade, foi ficando cada vez mais clara a diferença da noção de indivíduo, para a de sujeito. O termo indivíduo remete à ideia de unidade, de um ser resultante da divisão do universo, do 'tecido' social, enquanto a noção de sujeito favorece à compreensão dos entrelaçamentos, da complexa teia sistêmica em que esse sujeito está e que, ao mesmo tempo, constitui sendo ele próprio uma teia-trama. Assim, vale destacar que a proposição do conceito sujeito-trama para o Turismo alinha-se aos meus estudos na área da Comunicação Social, em que cunhei o conceito 'comunicação-trama', para representar a complexidade do processo comunicacional. Propus a seguinte definição²: Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorporais, significantes e a-significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido. Quer dizer, encontro de universos de sujeito, universos subjetivos (Autor(a), 2000: 33-34).

Penso que a concepção ainda é válida, como síntese do meu pensamento sobre o conceito de comunicação, e pode ser associada ao turismo, para retratar a composição de campos subjetivos também nesta área. Com base em estudos da Esquizoanálise e de referencial relativo à Ciência Contemporânea, proponho, mais recentemente, a abordagem a partir da compreensão do processo como algo mais denso, intenso, avassalador, que eu penso chamar de 'encontro de corpos'. Refiro-me, aqui, diretamente, à noção de Corpos sem Órgãos, da Esquizoanálise, com a qual entrei em contato no livro de Guattari (1992) intitulado *Caosmose* e, mais tarde, pude aprofundar a partir de outras leituras do autor e de pesquisas com base nesse referencial. O conceito de "corpo sem órgãos" é proposto em O Anti-Édipo (GUATTARI; DELEUZE, 1996). Interessante a síntese de Ovídio Abreu Filho (1998), comentando o conceito, a partir de análise da sequência de livros de Guattari e Deleuze intitulada Mil Platôs. Pode-se dizer que não se trata do corpo físico, mas do corpo como configuração existencial singular, de singularidade.

Nessa perspectiva do encontro de corpos (Corpos sem Órgãos), tanto na Comunicação quanto no Turismo, parece interessante compreender a intensidade da desterritorialização, na contemporaneidade, no encontro de universos existenciais, a partir do choque de singularizações subjetivas, agenciadas por máquinas abstratas. O termo desterritorialização, também na mesma perspectiva teórica, implica uma saída do território existencial, dessa configuração subjetiva, que pode ser tanto de um sujeito em particular, quanto de um grupo de sujeitos ou de um lugar, mas, sempre, especialmente, de saída de uma condição (território) conhecida, para uma desconhecida, implicando, então, o 'salto no escuro', a ousadia de viajar, soltar-se e enfrentar o inesperado, as incertezas, o devir-viagem. Nesse sentido, Guattari (1992: 162) afirma: "[...] não se poderá mais falar do sujeito em geral e de uma enunciação perfeitamente individuada, mas de componentes parciais e heterogêneos de subjetividade e de Agenciamentos coletivos de enunciação que implicam multiplicidades humanas".

Tem-se, aqui, portanto, no que diz respeito ao Turismo, a associação de que o processo de deslocamento implica em desterritorialização e que isso mobiliza o sujeito e toda uma 'engrenagem subjetiva', desafiando os universos existenciais de referência e produzindo encontros com outros corpos subjetivos, nas suas dimensões humanas e não humanas. As relações, já se tem bem claro na contemporaneidade, se dão no entrelaçamento de seres, substâncias e matérias, das mais diferenciadas conformações, configurações.

Nos processos interacionais, há universos complexos interagindo e entrelaçando-se, o que desafia a compreensão e as ações práticas no mundo vivido.

Diante dessa percepção, evidencia-se a necessidade de conhecer os pressupostos da construção de dispositivos afetivos interacionais, que são agenciados em processos de Turismo. Destaco, nesse sentido, a importância de mobilização de elementos que constituem o que eu venho chamando de os substratos inscriacionais de afetivação, que inscrevem, criam e acionam os afetos. Esses elementos são resultantes da interação afetiva de sujeitos (corpos sem órgãos), no sentido de uma interação que ‘toque os seus afetos’ e produza desterritorializações, de tal forma a fazer o sujeito desacomodar-se do si mesmo ou dos territórios conhecidos, para empreender uma viagem na direção do Outro, ou seja, colocar-se em trânsito dos universos de referência existenciais imanescentes nas expressões territorializadas, para os universos incorporais a-significantes de um devir lugar e um devir si mesmo.

Quando ocorre a desterritorialização no Turismo, o sujeito se inscreve, inscreve sua marca no processo, trata-se da viagem que ‘ele’ fez (e não outra pessoa), ao mesmo tempo em que cria um novo lugar, pela sua presença-passageiro por ali, gerando fluxos significacionais que podem compor uma ‘pré-visão’, uma ‘pré-disposição’ de outras pessoas para o lugar. Além disso, esse sujeito também aciona devires de significação para o destino turístico que, em certo sentido, não será mais o mesmo, depois de sua passagem. Claro que os sujeitos transitam e vivenciam os lugares, em entrelaçamento com muitos outros sujeitos e que essa mutação, decorrente da passagem subjetiva, pode não ser percebida imediatamente, se pensarmos a ‘cena-passageiro’ numa visão reducionista. Há o acionamento de micromutações subjetivas que vão reconfigurando o lugar e o próprio sujeito, como as águas que gotejam nas pedras e as transformam, ao longo do tempo. Assim, ocorre com o ‘encontro de corpos sem órgãos’, também nos platôs (termo usado, aqui, no sentido de plano de intensidade contínua) no turismo.

O processo de desterritorialização desejante do turismo pode ser expresso e realizado de muitas maneiras, mas, vale ressaltar, precisa ser afetivado, agenciado. O deslocamento, a desterritorialização, depende do acionamento de afetivações. Desse modo, a produção do Turismo está relacionada diretamente a processos de desterritorialização, o que implica, na Esquizaanálise, o agenciamento de máquinas desejantes, de subjetividades maquinicas. Bem, aqui, de novo, um conceito que exige uma ‘parada’ para reflexão, para não seguir viagem, neste texto, com uma leitura equivocada. Subjetividade maquinica, maquinismos abstratos, máquinas desejantes são expressões que derivam dos estudos da Esquizaanálise também e cuja compreensão expressa neste texto decorre, especialmente, dos estudos de Guattari, Deleuze e Rolnik. Na matriz de sua compreensão, está a ideia de máquina, nessa perspectiva caosmótica (de caos, osmose no cosmo), alinhada, por sua vez, aos pressupostos da Ciência Contemporânea.

Então, vamos adiante. A máquina aqui não é a máquina mecânica, mas um complexo engendramento maquinico, formado não só pelo encadeamento de peças em mecanismos repetitivos, mas em engendramentos materiais, concretos e também abstratos. A máquina, não é uma coisa, mas um sistema de produção. Como sistema de produção, ela engendra novas realidades, devires existenciais de produtos, serviços, seres. A matriz ‘sistema de produção’ relacionada a diversas instâncias do mundo da vida é que nos interessa aqui. Um hotel, por exemplo, é uma máquina abstrata, um destino turístico, em sentido amplo, também. Ambos, com suas configurações muitas e dispositivos de acionamento de seu sistema de produção, formam uma configuração existencial, com a qual os sujeitos entram em contato em suas viagens, em suas desterritorializações desejantes. Os sujeitos, por sua vez, também são constituídos como uma trama existencial maquinica, porque também são sistemas de produção de vida, configuração existencial única, como me referi anteriormente. Daí a noção de máquinas abstratas, de subjetividade maquinica. Nesse momento, vale a explicação de Guattari apresentada no livro *Cartografias do Desejo*, que publicou juntamente com Rolnik (1986:320):

Máquina (maquinico): distinguimos aqui a máquina da mecânica. A mecânica é relativamente fechada sobre si mesma: ela só mantém com o exterior relações perfeitamente codificadas. As máquinas, consideradas em suas evoluções históricas, constituem, ao contrário, um phylum comparável ao das espécies vivas. Elas engendram-se umas às outras, selecionam-se, eliminam-se, fazendo aparcer novas linhas de potencialidades. As máquinas, no sentido lato (isto é, não só as máquinas técnicas, mas também as máquinas teóricas, sociais, estéticas, etc.), nunca funcionam isoladamente, mas por agregação ou por agenciamento. Uma máquina técnica, por exemplo, numa usina, está em interação com uma máquina social, uma máquina de formação, uma máquina de pesquisa, uma máquina comercial, etc

Assim, a perspectiva esquizaanalítica considera o sujeito ‘em situação e em produção’, em sua complexidade e múltiplos agenciamentos/atravessamentos, com uma subjetividade decorrente igual-

mente de processos de produção. Guattari fala de uma subjetividade maquínica, produzida através de dispositivos múltiplos de subjetivação, dispositivos maquínicos agenciados em um contexto de ordem capitalística. Neste contexto, os meios de comunicação agem como equipamentos coletivos de produção de subjetividades, que interagem com outros dispositivos, compondo universos de referência significantes e a-significantes.

A Esquizeoanálise considera uma lógica produtiva, de maquinismos abstratos e concretos, em que o sujeito está atravessado/tranversalizado por múltiplos sistemas maquínicos que o constituem. Esses sistemas são fatores/equipamentos coletivos de produção de subjetividade, assim como Guattari (1992) define os meios sociotécnicos e, entre eles, os de Comunicação Social. As relações intersubjetivas e interpersonológicas ocupam uma posição de destaque, mas há que se considerar também a existência de múltiplas relações. “Sistemas de entidades abstratas (maquinismo abstrato), ladainhas musicais [...] traços de rostidade que não pertencem propriamente às identificações humanas, traços de animalidade, de paisageneidades, sistemas maquínicos, econômicos dos mais diversos”. (Guattari, 1987:169)

A subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais. Subjetividade considerada sob o ângulo da sua produção, sem que isso signifique a retomada da dicotomia determinista infraestrutura material versus superestrutura ideológica. “Os diferentes registros semióticos que concorrem para engendrar a subjetividade não conservam relações hierárquicas obrigatórias, fixadas de uma vez por todas”. (Guattari, 1990:3)

Nesse sentido, é possível pensar o sujeito-trama do turismo, como campo de forças. O encontro dessas forças não é sistematizável hierarquicamente em eixos cartesianos, o que possibilitaria uma espécie de decupagem das forças de composição para saber suas funções. Longe disso, compreender o sujeito passa por enveredar-se por uma trama de atravessamentos, uma espécie de nó conflitual – campo de forças, sem que exista um fio que possa representar o início da teia da vida desse ser. Todos os fios o constituem na sua existência trama. O desafio é compreendê-lo na sua singularidade, na sua condição de sujeito-trama, no seu emaranhado do ‘si mesmo’.

O sujeito contemporâneo do turismo é, então, resultante de uma trama subjetiva complexa em constante processo de desterritorialização. Por isso, também o turismo é tão importante para o sujeito e sua compreensão, assim como a perspectiva da produção subjetiva é significativa para compreender os processos do turismo, como desterritorialização desejante. Essa desterritorialização tem a potência de gerar o acontecimento, em si, justamente porque o sujeito se despreza do ‘si mesmo’, das amarras territorializadas dos maquinismos de subjetivação dos seus territórios existenciais. Para o encontro-acontecimento turístico, há que se ‘pôr na estrada’, em direção ao Outro. Por isso mesmo, na desterritorialização desejante do turismo, o sujeito se reinventa.

O agenciamento das máquinas abstratas passa, por sua vez, pelo engendramento de um complexo sistema maquínico, constituído por múltiplos componentes, como vem sendo comentado neste texto. Segundo Guattari, são:

- componentes materiais e energéticos;
- componentes semióticos diagramáticos e algorítmicos (planos, fórmulas, equações, cálculos que participam da fabricação da máquina);
- componentes sociais, relativos à pesquisa, à formação, à organização do trabalho, à ergonomia, à circulação e à distribuição de bens e serviços produzidos...
- componentes de órgão, de influxo, de humor do corpo humano;
- informações e representações mentais individuais e coletivas;
- investimentos de “máquinas desejantes” produzindo uma subjetividade adjacente a esses componentes;
- máquinas abstratas se instaurando transversalmente aos níveis maquínicos materiais, cognitivos, afetivos, sociais, anteriormente considerados.

Percebe-se, portanto, que a compreensão da trama subjetiva que se desterritorializa em processos de turismo implica uma abordagem múltipla, sensível e dedicada, ao mesmo tempo que respeitosa e ‘amorosa’, sentido de ética da relação, de uma certa devoção para com o que se está estudando. Não é possível simplificar ou simplesmente enumerar itens de uma estrutura mecânica que constituiriam supostamente uma lista de características. É preciso avançar no sentido do aprofundamento da discussão, compondo saberes e, ao mesmo tempo, narrativas que possam ir ‘contando’ os nossos encontros, no que eu chamo de ‘viagens investigativas’, as nossas pesquisas. Por isso, a partir desse ponto, comento um pouco alguns objetos empíricos que estão sendo estudados na Universidade de São Paulo.

3. Trilhas sinalizadoras para a abordagem subjetiva do turismo

Sigo este texto, com a intenção de sinalizar algumas trilhas para a abordagem subjetiva do Turismo, nas pesquisas. Compreendida a trama subjetiva em que estão os sujeitos, pode-se avançar para pensar como investigar, como produzir pesquisa, envolvendo esses 'sujeitos em movimento', em sentido amplo. Então, primeiro, vale refletir sobre o processo de desterritorialização desejante. Desterritorialização, como já foi salientado, é sair do território. Para que isso aconteça, é preciso o acionamento dos afetos, aspecto também já mencionado. Isso se faz com o acionamento do desejo, o que implica no agenciamento de uma matriz de força mobilizadora, que também pode ser denominada de agenciamento de potência, de potencialização. O sujeito só se põe em movimento se uma força geradora o impulsiona. Esta força é constituída de feixes abstratos que constituem o desejo, em busca da experiência prazerosa da potência do devir. O movimento, o deslocamento, a desterritorialização decorrem da ação dessa força desejante. Existem, evidentemente, variações muitas nas substâncias e matérias que constituem essa força, mas, ao final, ao se conseguir produzir a 'viagem', a desterritorialização, vive-se uma condição de realização, de um estar em outra condição, em outro território. Em certo sentido, mesmo que seja uma desterritorialização por motivos de trabalho ou, até, em função de uma situação mais dramática, para acompanhar um funeral de alguém conhecido, o processo é, por si só, autopoietico, no sentido de que põe em movimento engrenagens de mutação em nós. Tudo tende a se movimentar em nós também, ao mesmo tempo em que nossa presença altera o ecossistema turístico dos destinos para os quais nos direcionamos.

Então, ao pesquisar sujeitos do turismo, precisamos compreender que sua condição de turistas ou apenas de sujeitos envolvidos com o ecossistema do turismo (como a comunidade que recebe os turistas, por exemplo) decorre da dimensão trama que os constitui e da ação de forças mobilizadoras desejantes que os desterritorializaram ou os fizeram encontrar com seres que viveram o processo de desterritorialização. Trata-se de sujeitos que se deslocaram de seus territórios existenciais e se reterritorializaram, circunstancialmente, por um período, o que os faz sujeitos-passantes, viajantes, por natureza, em condições de reinventar a sua própria vida (já que estão distantes do 'conforto' de seus territórios conhecidos), ao mesmo tempo em que transformam a paisagem por onde transitam.

Assim, a abordagem precisa ser também sensível e paciente, com disposição para encontrar o 'Outro', na sua trama existencial e conhecer os vetores de força e as estruturas dissipativas que o impulsionaram a produzir movimento desterritorializante. Nesse sentido, o pesquisador precisa também construir 'estradas existenciais' de aproximação com esses sujeitos, com suavidade e amorosidade, no sentido dos meus estudos, como ética da relação. Trata-se de uma aproximação que exige paciência e silêncio, serenidade para ir compondo um desenho metodológico, uma 'trilha de caminhos', para se aproximar e entender as mobilizações. Isso não significa 'uma' técnica de coleta, mas, antes de tudo uma sensibilidade para a constituição de uma trama de trilhas, no caminho da informação que apresenta e informa sobre os jeitos, a alma, a matriz trama subjetiva do sujeito pesquisado, assim como as forças que o mobilizam e o fazem produzir investimentos de desejantes, que o levam a se deslocar, a se desterritorializar.

São muitas as possibilidades de recursos para a constituição dessa trama de trilhas, para mim, orientadas na estratégia metodológica que proponho sob a denominação cartografia de saberes, apresentada anteriormente na Revista XXXX (Autora, 2014). O pressuposto, para essa estratégia, é a ideia de que a pesquisa, como investigação, é, também, na verdade, o investimento em uma direção de produção de conhecimento, uma viagem, com o elemento de mutação constante, que é inerente a esse processo. Isso significa que também se constitui, ela mesma, a pesquisa, na desterritorialização desejante do sujeito, em direção a um destino outro, um devir destino do saber. Há, portanto, semelhanças nos processos de desterritorialização e, nesse sentido, o próprio pesquisador é um 'viajante do saber'. Assim, na pesquisa que envolve a subjetividade do turismo, ele, o pesquisador, é o primeiro viajante, o primeiro sujeito a ser investigado. Por isso, na cartografia, proponho uma primeira linha, uma primeira trilha a ser investigada que se relaciona aos saberes pessoais, a partir dos quais se produz texto de resgate de lembranças a respeito da temática, se registra pensamentos e sentimentos cotidianos no diário de campo. Para encontrar com o outro, o sujeito pesquisado, é preciso conhecer o 'um', o sujeito que se põe em campo da pesquisa. No cenário da mutação da ciência contemporânea, já se sabe que o sujeito que pesquisa está presente como autor de um desenho inscricional, como alguém que circunscreve o universo dos fenômenos analisados e, com isso, também se faz presente no saber produzido – inscreve-se, cria e aciona devires. Não há objetividade nesse processo, embora haja, isso sim, cuidado, cautela, critérios, esmero na produção do desenho e na constituição constante de uma ética da produção do conhecimento.

Para isso, é preciso também saber explicitar o 'lugar de onde se fala', de onde se parte para a viagem investigativa, para o encontro com os destinos turísticos e os sujeitos desse destino.

Na segunda trilha da cartografia dos saberes, está o reconhecimento dos saberes teóricos, envolvidos no ecossistema a ser encontrado, nas nuances e nos processos que se engendram no que eu venho chamando de 'chão de fábrica' ou 'usina de saberes' da pesquisa, ou o terreno de onde brotam, florescem os fenômenos a serem analisados. Não é possível, nem recomendável viajar sozinho na pesquisa. Vamos em frente com nossas idiossincrasias, com nossos traços e saberes pessoais, acumulados nas múltiplas situações vividas, mas também precisamos nos aliar a parceiros intelectuais que já fizeram viagens semelhantes. Estes são também sujeitos da pesquisa e, como trama subjetiva, precisam ser compreendidos. Autores e linhas teóricas se entrelaçam como florestas herméticas, centenárias, constituídas ao longo dos tempos. É preciso reconhecer as paisagens teóricas e os sujeitos dessas paisagens, bem como seus entrelaçamentos, para saber quais são mais interessantes e nos afetam mais diretamente, no entrelaçamento sobre nossas tramas subjetivas e nossas buscas. Recomendo, aqui um desenho, produzido a partir de um jogo, quase singelo, que eu chamo de jogo dos balões. Se pesquisar é viajar na floresta, como eu tenho dito, o risco de nos perdemos é sempre muito grande. Então, proponho que o pesquisador desenhe seis balões e escreva nesses balões palavras importantes de sua pesquisa. Depois, sugiro que tente descartar três e entenda que as palavras que sobram são as grandes trilhas investigativas e diferenciadoras da sua viagem, em relação às viagens realizadas por outros pesquisadores, no grande campo (área) da pesquisa do qual esse pesquisador parte. Para essas seis trilhas, mas especialmente para as três 'finalistas', é preciso ter parceiros teóricos e compreendê-los na sua complexidade teórica existencial. Devemos pensar nesses autores e nos seus pressupostos, como substrato existencial intelectual que levamos 'na bagagem'.

O encontro com os sujeitos outros, da pesquisa, muitos seres com os quais nos deparamos ao longo da viagem investigativa, começa a ser registrado na linha cartográfica que chamei 'laboratório de pesquisa', 'usina de saberes', como campo de produção de aproximações com o fenômeno que está sendo investigado. Assim, já sabemos de onde viemos (ou estamos empenhados nisso), reconhecemos a trama das trilhas teóricas (e também estamos percorrendo essas trilhas cuidadosamente)... precisamos, então, de uma aproximação intensa com o ecossistema turístico da investigação, a trama do acontecimento que nos interessa. Nessa trama, é preciso reconhecer quem são os sujeitos que podemos encontrar para conhecer e reconhecer nosso 'objeto paixão-pesquisa', para usar uma expressão que cunhei há 25 anos, para denominar o envolvimento intenso do pesquisador com o fenômeno investigado.

Após esse reconhecimento, abrem-se as possibilidades de constituição da trama de dispositivos de aproximação: escuta sensível, observação sistemática, diário de campo, entrevista, rodas de conversa, grupos de discussão, atividades com fotografias, registros sonoros, de falas, de músicas, de sons do lugar, análise de documentos e materiais, relacionados a esses sujeitos. Cada uma dessas trilhas envolve, antes de tudo, a tal sensibilidade a que me referi, para saber que não se trata exatamente de uma 'técnica de coleta', unilateral, mas de dispositivos de aproximação e entrelaçamento. O caminho, o processo, a brotação decorrente desse entrelaçamento humano e entre seres que pulsam ou entre humanos e materialidades precisa sempre ser cuidadoso, respeitoso, reconhecendo a complexidade desses campos subjetivos e, nesse sentido, a dimensão grandiosa do exercício de relato, buscando apresentar os liames, a trama do entrelaçamento.

A escuta sensível é um pressuposto para a pesquisa com sujeitos-trama. É preciso sensibilidade e disposição de escuta, em sentido amplo, captando os mais diversos sinais, provenientes desses sujeitos e a respeito deles. Fundamental, nesse sentido, não pré-julgar, não tentar prever as informações. O pesquisador, então, precisa se dispor ao encontro sensível, 'de peito aberto', para aceitar a aproximação com o diferente, respeitando-o e investindo na convivência, que, no caso da pesquisa, permita o conhecimento mútuo e intenso. Depois, também precisa transpor essa escuta sensível para uma narrativa também cuidadosa, amorosa, ética, produzida com esmero, para oferecer o relato do conhecimento e, ao mesmo tempo, bem tratar o receptor.

Sobre a observação sistemática, o pesquisador vai encontrar alguns referenciais bibliográficos que explicam como deve ser realizada. Há, no entanto, discordâncias entre alguns autores. Basicamente, há discussão sobre o planejamento ou não da observação. Numa perspectiva da ciência clássica, o pesquisador deveria realizar a observação de maneira objetiva e seguindo um planejamento prévio. Na visão contemporânea, a qual eu me vinculo, pode-se pensar em mais de um momento de observação. Na fase que eu chamo de laboratório de pesquisa, momento preliminar da usina de saberes (antiga coleta de dados, propriamente dita), o pesquisador observa o fenômeno, na sua existência espontânea, sem ter definido rigidamente aspectos a serem observados. Vai a campo para 'se lambuzar' de realidade e observar e sistematizar o que observou. Isso significa produzir registros sobre o que 'brotou', o que emergiu do campo, o que veio à tona, nessa espécie de redemoinho, ou recursão organizacional, para

lembrar Morin. Então, em síntese, em um primeiro momento, o pesquisador observa e registra, anota, procurando observar o que se sobressai. A partir daí, pode eleger aspectos que se sobressaem para serem analisados, em um segundo momento. Vale destacar, portanto, que o que vai ser analisado, efetivamente, também brota do campo, do fenômeno em si, a partir de uma primeira observação.

O diário de campo é o 'lugar' de produção dos registros todos da cartografia, especialmente relativo aos saberes pessoais e ao laboratório de pesquisa e produção da investigação no 'campo', propriamente dito. Material fundamental do pesquisador, vai sendo composto, ao longo da viagem investigativa, como um 'diário de bordo', em que o pesquisador vai escrevendo o que interessa registrar, como diário de pesquisa. Trata-se de um recurso importante, que valoriza o caráter processual da investigação, já que o pesquisador vai inscrevendo os acontecimentos, no momento (ou o mais próximo possível) em que eles ocorrem. Isso possibilita valorizar a sequência de pensamentos, ideias, sensações do próprio pesquisador e também a emergência de informações dos pesquisados, que ocorrem de forma aleatória, de diversas maneiras, não apenas a partir dos recursos um pouco mais formais de pesquisa.

A entrevista é um recurso que precisa ser reconhecido e valorizado. Condição ímpar, em que pesquisador e pesquisado ficam 'entre-vistas', frente a frente ou se predispõem mutuamente para uma conversa. Fluxos de informações, com certo planejamento do pesquisador, mas com imensa abertura para a adequação, conforme ocorre a interação. Há variações, conforme o planejamento, da entrevista livre narrativa, em que existe uma temática e o pesquisador é convidado a falar a respeito, livremente, à entrevista estruturada, com um roteiro sistematizado de questões, que são feitas para todos os entrevistados, envolvidos na pesquisa. Há muitos referenciais que abordam a entrevista como recurso metodológico, como possibilidade na pesquisa contemporânea, no viés qualitativo (Medina, Flick). Ressalto o fato de que se trata de um encontro humano de corpos (sem órgãos), ou seja, universos de referência existenciais diferentes. O pesquisador precisa, portanto, se preparar para isso, com o máximo possível de informações prévias sobre o sujeito que vai ser entrevistado e, ao mesmo tempo, tem que ter abertura para viver o inusitado. A entrevista é o recurso qualitativo de aproximação individual com o pesquisado, numa sequência que começa com o questionário, seguido do formulário. No questionário, o pesquisador oferece uma série de questões para serem respondidas diretamente pelo pesquisado. No formulário, o pesquisador formula (ele fala) as questões e faz o registro das respostas (é o pesquisador quem anota, quem registra). A entrevista, portanto, estreita os laços, aproxima pesquisador-pesquisado.

Há outro bloco de recursos metodológicos de interação com sujeitos da pesquisa. Neste caso, de aproximação com grupos de sujeitos. Na sequência, da pesquisa clássica para a contemporânea, de maior para menor rigidez e tentativa de controle, tem-se: grupo focal, grupo de discussão, entrevista em grupo (Flick, 2004) e rodas de conversa. Ressalto, aqui, especialmente, a produção de rodas de conversa, como um encontro em círculo, espontâneo, que tem o mérito de produções não planejadas, de fluxos significacionais, a conversa, o 'verso com', o instante partilhado, enquanto se elaboram discursos, fluxos informacionais, de querer dizer, de expressar o que queremos dizer, em meio a outros sujeitos. As rodas de conversa têm a marca da espontaneidade e o mérito da emergência conteúdos de dimensões mais sutis. O rumo da conversa muitas vezes, na maioria dos casos, surpreende os envolvidos e, para os sujeitos mais atentos, constitui-se entrelaçamento de existências e de temáticas. A impressão que se tem é que o próprio universo vai tecendo as informações, para que elas façam sentido no entrelaçamento dos sujeitos envolvidos.

As atividades com fotografias são igualmente interessantes para a pesquisa envolvendo sujeitos-trama do turismo. Há muitas possibilidades, desde o registro feito pelo pesquisador, que fotografa os sujeitos da pesquisa nos destinos turísticos ou com seus objetos de viagem, dependendo do objetivos da pesquisa. De sujeito na foto, o pesquisado pode passar a ser autor da foto, registrando, ele mesmo, o que o interessa nos destinos turísticos, nos ambientes pesquisados, o que possibilita informações sobre o que o seu olhar valoriza, a ponto de selecionar, no enquadramento fotográfico, os focos de seu interesse, do que o mobiliza, o afetiva, toca seus afetos. (Joly, 1996)

Igualmente, os registros sonoros, de falas, de músicas, de sons do lugar, dos sujeitos envolvidos são pistas interessantes na composição cartográfica de informações dos sujeitos da pesquisa. Os sons são elementos de comunicação relacionados diretamente à respiração e à pulsação do próprio corpo dos sujeitos e da natureza que o rodeia. Assim, observar e registrar manifestações sonoras é interessante, como informação sobre o que faz vibrar esses sujeitos e em que direção. Esses registros podem ser descritos no diário de campo ou feitos com a ajuda de recursos tecnológicos como gravadores e, posteriormente, serem descritos e analisados. Em alguns casos especiais, as canções ou sons podem ser entregues como apêndices ou anexos da pesquisa, como dado complementar que informa ativamente sobre a pulsação dos pesquisados.

A análise de documentos e materiais, relacionados a esses sujeitos, também se constitui em recurso interessante para a viagem nessa trama de trilhas da pesquisa em turismo. Em todos os casos, a opção pelos recursos depende da combinação entre os objetivos da pesquisa e os sujeitos selecionados. Daí, nessa confluência, definem-se que documentos analisar e o que buscar nesses documentos (dados pessoais, registros de viagens, etc). No caso dos materiais, as opções também são muitas, desde impressos guardados de viagens, folders, ingressos de museus, teatros, parques, até objetos trazidos das experiências turísticas realizadas ou, mesmo, coleções de guardados, que sinalizam a mobilização desejante no sentido de viajar para determinados lugares turísticos.

4. Considerações finais

Sujeitos-trama caosmótica, em processos de desterritorialização, constituem desafios para compreender o turismo na contemporaneidade. A complexidade da trama se faz de muitos fios, visíveis e invisíveis, constituídos no ecossistema mais amplo de produção de vida, orientado pela lógica do Capitalismo Mundial Integrado, de que nos falam os autores da Esquizoanálise, ou do capitalismo por espoliação, para lembrar a enunciação de Harvey. São fluxos e fixos que constituem uma engrenagem maquinica, de maquinismos concretos e abstratos que vão configurando os sujeitos na contemporaneidade. Esses sujeitos, até mesmo por uma questão de sobrevivência, vão se desterritorializando em busca de novas buscas e compondo novos territórios existenciais. Assim, mesclam, misturam-se constituindo novas configurações existenciais de platôs de sujeitos, nos mais diversos destinos turísticos.

Essas configurações subjetivas caosmóticas contemporâneas desafiam os pesquisadores ao desenvolvimento e às práticas metodológicas, envolvendo os sujeitos. Nesse sentido, o texto apresentou algumas pistas, em termos de modos de aproximação e produção de conhecimento com sujeitos-trama de turismo. Esses dispositivos partem da escuta sensível, passando pela observação sistemática, diário de campo, entrevista, rodas de conversa, grupos de discussão, atividades com fotografias, registros sonoros, de falas, de músicas, de sons do lugar, análise de documentos e materiais, relacionados a esses sujeitos. Em todos os casos, são sinalizados cuidados e potenciais específicos, que convidam à reflexão e produção de uma Ciência mais amorosa, pautada pela ética da relação e do cuidado com o Outro, o sujeito do turismo.

Todos os dispositivos apresentados são pensados como ações decorrentes da Cartografia dos Saberes, nos seus quatro liames, nas suas quatro trilhas, que iniciam com a investigação do próprio sujeito pesquisador. Assim, saberes pessoais, saberes teóricos, usina de saberes e brotações são trilhas em que o sujeito pesquisador se embrenha, para a produção do conhecimento. Trilhas, a partir das quais o sujeito pesquisador do turismo também encontra outros sujeitos, os autores, os turistas, a comunidade, os produtores do turismo. Assim, tem-se a ideia de estar avançando na viagem investigativa e propondo novas inscrições subjetivas amorosas e autopoéticas na pesquisa em Turismo.

Bibliografia

- Abreu Filho, O.
1998. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Mana, v. 4, n. 2, p. 143-146, Resenha. Mana, Rio de Janeiro, 4(2), out. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131998000200008>. Acesso em: 16 mar. 2014
- Capra, F.
1990. O Tao da Física. Um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental. 11. ed. São Paulo: Cultrix.
- _____. 1997. A Teia da Vida. Uma Nova Compreensão dos Sistemas Vivos. 9. ed. São Paulo: Cultrix.
- Idem. 1991. O Ponto de Mutação. A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente. 12 ed. São Paulo: Cultrix.
- _____. 1997. A Teia da Vida. Uma Nova Compreensão dos Sistemas Vivos. 9. ed. São Paulo: Cultrix.
- Crema, R.
1989. Introdução à Visão Holística. Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma. São Paulo: Summus.
- Deleuze, G.
1988. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal.
- _____; Guattari, F. 1996. O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago.
- Flick, U.
2004. Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Bookman.

Guattari, F.

1981. *As três ecologias*. 3 ed. Campinas: Papirus.

_____. 1987. *Revolução molecular. Pulsações Políticas do Desejo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense.

_____. 1988. *O inconsciente maquínico*. Campinas: Papirus.

_____. 1990. *Linguagem, consciência e sociedade*. In: Lancetti, Antonio. *Saúde Loucura*, número 2. 3 ed. São Paulo: Hucitec.

_____. 1990. *Caosmose. Um Novo Paradigma Ético-Estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

_____. 1995. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34.

Guattari, F; Rolnik, S.

1986. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

Harvey, D.

2005. *O novo imperialismo*. 2ed. São Paulo: Loyola.

_____. *O Neoliberalismo, história e implicações*. São Paulo: Loyola.

Joly, M.

2012. *Introdução a uma análise da Imagem*. Campinas: Papirus, 1996.

Marcondes Filho, C. Martinez-Alier, J.

2007. *O ecologismo dos pobres*. São Paulo: Contexto.

_____. 2010. *O Princípio da Razão Durante. O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica*. Nova Teoria da Comunicação III. Tomo V. São Paulo: Paulus.

_____. 2013. *O Projeto “Nova Teoria da Comunicação” e Suas Aplicações na Pesquisa Comunicacional Atual*. São Paulo. Cópia.

Maturana, H.

1998. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG.

Morin, E.

1986. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

_____. 1991. *Introdução ao pensamento complexo*. São Paulo: Instituto Piaget.

_____. 1993. *O pensamento em ruínas*. In: _____. *A decadência do futuro e a construção do presente*. Florianópolis: UFSC.

_____. 1998. *O método 4. As idéias, habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulina.

_____. 2003. *Amor, poesia e sabedoria*. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. 2013. *Ciência com Consciência*. 15. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Santos, Boaventura S.

1988. *Um discurso sobre as ciências*. 2. ed., Porto: Afrontamento.

_____. 1989. *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: Graal.

Notas

¹ Nem todas essas obras estão citadas diretamente, mas tenho claro que a produção do texto traz transversalidades decorrentes da reflexão, a partir dos saberes compartilhados por esses autores. São imanências reflexivas inscritas no texto. Por fidelidade aos parceiros teóricos, opto por mencioná-los, embora não me detenha em repetir suas palavras, já que a produção inscrita aqui é um texto meu, produzido com base em uma costura de saberes e vivências, que resultam nas minhas próprias proposições. Para a discussão apresentada neste artigo, estão mais visíveis – citados explicitamente - autores cujas marcas são mais fortes.

² O conceito está apresentado no artigo “Comunicação, amorosidade e autopoiese”, um dos textos-síntese dos pressupostos teóricos com os quais trabalho, mas também está desenvolvido na minha tese de doutoramento, defendida na Universidade XXXX.

Recibido: 30/11/2015

Reenviado: 04/06/2016

Aceptado: 06/06/2016

Sometido a evaluación por pares anónimos